

Exercícios Pré-Modernismo

Um Homem de Consciência

Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o depercimento visível de sua Itaoca.

— Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons – agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho.

Decididamente, a minha Itaoca está se acabando . . .

João Teodoro entrou a incubar a ideia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mesmo conserto ou arranjo possível.

— É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada, então arrumo a truxa e boto-me fora daqui.

Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado, ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada . . . Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É o homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado – e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!...

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-as num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.

— Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?

— Vou-me embora, respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.

— Mas, como? Agora que você está delegado?

— Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro.

Adeus.

E sumiu.

LOBATO, Monteiro. Cidades Mortas. São Paulo: Brasiliense, s.d. p. 110 – 111

1. (UNIRIO) Nos trechos, “Itaoca não vale mais nada de nada de nada...” (§ 6º.) e “Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada...” (§ 7º.), o uso do pronome indefinido nada, referindo-se a João Teodoro e a Itaoca, imprime ao texto uma caracterização

- Generalista típica do modernismo.
- Unívoca entre personagem e espaço.
- Positivista entre o homem e as coisas.
- Pejorativa do mundo em relação ao ser humano.
- Analítica do homem e sua relação com a natureza.

2. (UNIRIO) O segmento destacado que ratifica, de forma expressiva, a ideia projetada no título é
- “Justamente por isso.” (§ 13º.)
 - “Um dia aconteceu a grande novidade:...” (§ 7º.)
 - “Pela madrugada botou-as num burro...” (§ 9º.)
 - “... necessitava dum fato qualquer...” (§ 5º.)
 - “... Agora que você está delegado?” (§ 12º.)

Texto para as questões 3, 4 e 5.

Acabava de entrar em casa do Major Quaresma o Senhor Ricardo Coração dos Outros, homem célebre pela sua habilidade em cantar modinhas e tocar violão. Em começo, a sua fama estivera limitada a um pequeno subúrbio da cidade, em cujos "saraus" ele e seu violão figuravam como Paganini e a sua rebeca em festas de duques; mas, aos poucos, com o tempo, foi tomando toda a extensão dos subúrbios, crescendo, solidificando-se, até ser considerada como coisa própria a eles. Não se julgue, entretanto, que Ricardo fosse um cantor de modinhas aí qualquer, um capadócio. Não; Ricardo Coração dos Outros era um artista a frequentar e a honrar as melhores famílias do Méier, Piedade e Riachuelo. Rara era a noite em que não recebesse um convite. Fosse na casa do Tenente Marques, do doutor Bulhões ou do "Seu" Castro, a sua presença era sempre requerida, instada e apreciada, O doutor Bulhões, até, tinha pelo Ricardo uma admiração especial, um delírio, um frenesi e, quando o trovador cantava, ficava em êxtase. "Gosto muito de canto", dizia o doutor no trem certa vez, "mas só duas pessoas me encham as medidas: o tamagno e o Ricardo". Esse doutor tinha uma grande reputação nos subúrbios, não como médico, pois que nem óleo de rícino receitava, mas como entendido em legislação telegráfica, por ser chefe de seção da Secretaria dos Telégrafos.

Dessa maneira, Ricardo Coração dos Outros gozava da estima geral da alta sociedade suburbana. É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios. Compõe-se em geral de funcionários públicos, de pequenos negociantes, de médicos com alguma clínica, de tenentes de diferentes milícias, nata essa que impa pelas ruas esburacadas daquelas distantes regiões, assim como nas festas e nos bailes, com mais força que a burguesia de Petrópolis e Botafogo. Isto é só lá, nos bailes, nas festas e nas ruas, onde se algum dos seus representantes vê um tipo mais ou menos, olha-o da cabeça aos pés, demoradamente, assim como quem diz: aparece lá em casa que te dou um prato de comida. Porque o orgulho da aristocracia suburbana está em ter todo dia jantar e almoço, muito feijão, muita carne-seca, muito ensopado — aí, julga ela, é que está a pedra de toque da nobreza, da alta linha, da distinção.

Fora dos subúrbios, na Rua do Ouvidor, nos teatros, nas grandes festas centrais, essa gente míngua, apaga-se, desaparece, chegando até as suas mulheres e filhas a perder a beleza com que deslumbram, quase diariamente, os lindos cavalheiros dos intermináveis bailes diários daquelas redondezas. Ricardo, depois de ser poeta e o cantor dessa curiosa aristocracia, extravasou e passou à cidade, propriamente. A sua fama já chegava a São Cristóvão e em breve (ele o esperava) Botafogo convidá-lo-ia, pois os jornais já falavam no seu nome e discutiam o alcance de sua obra e da sua poética...

(BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, p. 24-25, 1983)

3. (UFRJ) Escritor de transição, Lima Barreto conserva algumas características do Realismo, como a narrativa lenta. Explique como se realiza tal característica no trecho lido.

4. (UFRJ) Na descrição de Ricardo Coração dos Outros há uma progressiva valorização do personagem – a partir de “cantor de modinha”, realizada através da mudança de vocabulário que a ele se refere. Transcreva duas passagens que o comprovem.

5.(UFRJ) “É uma alta sociedade muito especial e que só é alta nos subúrbios”. O texto de Lima Barreto explora diferentes possibilidades de ironia, como na frase citada. Cite, em relação aos dois últimos parágrafos, um exemplo de ironia, explicando-a.

6. (UFU)

"Pobre terra da Bruzundanga! Velha, na sua maior parte, como o planeta, toda a sua missão tem sido criar a vida, e a fecundidade para os outros, pois nunca os que nela nasceram, os que nela viveram, os que a amaram e sugaram-lhe o leite, tiveram sossego sobre o seu solo!"

(Barreto, Lima. Os Bruzundangas.)

"Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos Naturais,
E dos Estrangeiros madre.
Dizei-me por vida vossa,
em que fundais o ditame
de exaltar, os que aí vêm,
e abater, os que ali nascem?"

(Matos, Gregório. Poesias selecionadas.)

Lima Barreto e Gregório de Matos estão distantes, cronologicamente, na Literatura Brasileira. Mas os autores podem ser aproximados pelo teor satírico que imprimiram às suas obras. Tome os fragmentos citados para responder às questões seguintes:

7. (UFMS) *Os Sertões* de Euclides da Cunha, um livro que representa o despertar da consciência nacional. Sobre essa obra, procedem as seguintes afirmações:

- a) A narração e a análise da Epopeia de Canudos, feitas pelo repórter e engenheiro carioca, mostraram o lado dramático, o abandono a desolação e a revolta do sertão, culminando com a violência usada para destruir o Arraial.
- b) Euclides utilizou, na sua análise, uma linguagem científica, para explicar os acontecimentos que observava. Registrou, no seu texto, muitas palavras desconhecidas e incompreensíveis para a maioria do público leitor.
- c) As teses científicas em que se apoiava Euclides da Cunha, continuam válidas até hoje, sobretudo, aqueles que procediam de princípios racistas do eurocentrismo cultural.
- d) A presença forte e determinante de *Os Sertões* na cultura brasileira, deve-se a razões que permanecem válidas até hoje, o determinismo do meio e da raça e a linguagem árdua e hiperbólica.
- e) *Os Sertões* é um livro fascinante como expressão do drama vivido pelos fiéis de Antonio Conselheiro em Canudos a desproporção entre as forças do Exército e os recursos dos sertanejos.

8. (UFU) Fale sobre o tema que aproxima os dois textos.

9. (ENEM)

Texto 1

O Morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.
“Vou mandar levantar outra parede...”
Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!
Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh’alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!
A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

ANJOS, A. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994

Texto 2

O lugar-comum em que se converteu a imagem de um poeta doentio, com o gosto do macabro e do horroroso, dificulta que se veja, na obra de Augusto dos Anjos, o olhar clínico, o comportamento analítico, até mesmo certa frieza, certa impessoalidade científica.

CUNHA, F. Romantismo e modernidade na poesia. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988. (Adaptado).

Em consonância com os comentários do texto 2 acerca da poética de Augusto dos Anjos, o poema O morcego apresenta-se, enquanto percepção do mundo, como forma estética capaz de:

- Reencantar a vida pelo mistério com que os fatos banais são revestidos na poesia.
- Expressar o caráter doentio da sociedade moderna por meio do gosto pelo macabro.
- Representar realisticamente as dificuldades do cotidiano sem associá-lo a reflexões de cunho existencial.
- Abordar dilemas humanos universais a partir de um ponto de vista distanciado e analítico acerca do cotidiano.
- Conseguir a atenção do leitor pela inclusão de elementos das histórias de horror e suspense na estrutura lírica da poesia.